

# FÓRUM INTERNACIONAL ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO

por Lala Deheinzelin\*

## ECONOMIA CRIATIVA

Economia Criativa é um conceito novo, e portanto ainda em formação, que evolui a partir do conceito inicial de Indústria Criativa proposto pelo Reino Unido e constitui um setor bastante amplo que, de forma muito simplificada, reúne as atividades que tem na Cultura e na Criatividade suas matérias-primas. No contexto dos países em desenvolvimento, onde atua a Unidade de Cooperação Sul-Sul do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento esta evolução vem, sobretudo, da mudança de foco no mero crescimento econômico para o foco no Desenvolvimento.

Segundo a ONU a Economia Criativa já é responsável por 10% do PIB mundial. A UNCTAD<sup>1</sup> divulga que entre 2000 e 2005 os produtos e serviços criativos mundiais cresceram a uma taxa média anual de 8,7%, o que é mais do que a média dos setores manufatureiro e industrial. Áreas como o turismo e o entretenimento crescem seis vezes mais que a média da economia.

É considerada uma das grandes estratégias de desenvolvimento do século XXI por atuar nas quatro dimensões da sustentabilidade: econômico, social, ambiental e cultural. Atividade com forte desempenho econômico, mas que vai além disto, atuando como fator de coesão e transformação social, ambientalmente sustentável, e que fortalece os valores, diferenciais e credibilidade de comunidades e empresas.

Isto leva também a um novo conceito de recursos e patrimônio, pois nas atividades ligadas à Economia Criativa muitas vezes há um inédito intercâmbio de “moedas” ou capitais: o investimento feito em capital financeiro, por exemplo, pode ter retorno em capital social; o investimento realizado em capital humano pode gerar retorno em capital tecnológico e assim por diante<sup>2</sup>. Ao ampliar o conceito de patrimônio, que passa a abranger os recursos naturais, culturais e humanos, a Economia

---

<sup>1</sup> United Nations Conference on Trade and Development (Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento)

<sup>2</sup> Exemplos interessantes sobre este aspecto da Economia Criativa podem ser encontrados na pesquisa de Open Business do Centro de Tecnologia e Sociedade, em [www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br).

Criativa para o Desenvolvimento abre uma nova frente de trabalho, mais ligada à sustentabilidade e inovação não apenas de produtos mas sobretudo de processos e formas de gestão.

Tais características permitem que, ao promover a inclusão de segmentos periféricos da população mundial, ela também forme mercados. Afinal, não é mais possível competir por fatias de um mercado que engloba apenas 30 a 40% da população mundial. É preciso fazer com que os 60 a 70% restantes adquiram Cidadania de fato, conquistando também seu papel como consumidores.

## **Contexto atual**

Para melhor compreender por que a Economia Criativa é tão estratégica para o desenvolvimento sustentável é importante situar o momento presente. Tanto a crise do sistema financeiro quanto a crise dos recursos naturais e aquecimento global apontam para uma urgente necessidade de mudança de paradigma, o que representa uma oportunidade para a muito necessária revisão de prioridades na formulação de políticas e estratégias sócio-econômicas. Oportunidade, porque vivemos uma época à qual os historiadores do futuro provavelmente vão se referir como sendo muito significativa<sup>3</sup>, pois, como propõe Chris Anderson, “Não estamos numa época de mudanças, mas numa mudança de época”.<sup>4</sup>

Isto porque vivemos a época de passagem de milênios onde a vida esteve organizada em torno de recursos materiais, tangíveis, para uma era que tem sua centralidade nos recursos imateriais, intangíveis. Provas disso são os fatos de a empresa de maior valor hoje ser o Google e de que 75% do preço de um produto são relativos ao intangível, valor agregado<sup>5</sup>, conduzindo à necessidade de avaliação dos intangíveis.<sup>6</sup> Enquanto terra, ouro ou petróleo são finitos, inelásticos, e por isso geram competição, conhecimento, Cultura e Criatividade são infinitos, elásticos. São os únicos recursos que não apenas não se esgotam como se renovam e multiplicam com o uso. O desafio agora é fazer com que as lideranças dos setores público, privado, terceiro setor e

---

<sup>3</sup> Em *Tênue Esperança no Vasto Caos* (Editora Paz e Terra), Jorge Wilhelm compara a época em que vivemos ao Renascimento.

<sup>4</sup> Chris Anderson, *Wired*.

<sup>5</sup> Ladislav Dowbor, em <http://wikibr.org>

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre o tema, pesquise Eduardo Rath Fingerl | BNDES e Daniel Domenechetti

empreendedores criativos tenham consciência desta mudança de época e dos enormes potenciais que ela oferece, e promover uma mudança de mentalidade e de políticas para melhor aproveitá-la.

A própria Economia terá que ser revista, já que sua definição era “gestão dos recursos escassos”. Criatividade e Cultura são recursos abundantes, especialmente nos países do Hemisfério Sul, por sua diversidade, e representam um enorme patrimônio, provocando uma revisão no conceito de riqueza e pobreza. Como a Economia Criativa tem estreita relação com as novas tecnologias, e bits também são infinitos<sup>7</sup>, podemos ver o surgimento de uma “Economia da Abundância”<sup>8</sup> que precisará de novos indicadores, para além dos quantitativos.

#### UNIDADE ESPECIAL DE COOPERAÇÃO SUL-SUL, PNUD IONU (SU-SSC)<sup>9</sup>

Para melhor compreender o escopo do Fórum Internacional Economia Criativa e Desenvolvimento, realizado dentro do FCM 2006, é importante inicialmente conhecer os conceitos que orientam o Programa de Economia Criativa da Unidade Especial de Cooperação Sul-Sul do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (SU-SSC | PNUD), responsável por sua concepção e coordenação em parceria com o Fórum Cultural Mundial.

A Unidade coordena o fomento da Cooperação Sul-Sul no sistema das Nações Unidas e apóia países em vias de desenvolvimento em seus esforços de enfrentar desafios comuns, avaliando as tendências predominantes na cooperação internacional para o Desenvolvimento e assim compartilhando ao máximo as soluções Sul-Sul.

O Programa de Economia Criativa para o Desenvolvimento da SU-SSC tem quatro objetivos:

- **Incrementar a compreensão**, entre os países do Sul, da Economia Criativa e de sua importância para o Desenvolvimento.

---

<sup>7</sup> Fabio Gandour, IBM | América Latina

<sup>8</sup> Conceito proposto a partir do livro *A Cauda Longa*, de Chris Anderson

<sup>9</sup> **Special Unit on South-South Cooperation (Equipe de Coordenação):** Yiping Zhou, diretor; Francisco Simplicio, coordenador do Programa de Economia Criativa; Lala Deheinzelin, assessora e coordenadora temática do Fórum Internacional Economia Criativa e Desenvolvimento; Ana Carla Fonseca Reis, assessora.

- **Fomentar um diálogo progressivo e contínuo** entre os países do Sul sobre maneiras de capitalizar seus recursos intangíveis para que a riqueza de suas economias criativas possa promover o Desenvolvimento;
- **Endossar iniciativas do Sul**, com base em três pilares: formação e expansão de mercado; geração e intercâmbio de conhecimentos; e fomento ao diálogo e trabalho em rede;
- **Engajar instituições do Sul em iniciativas parceiras** na Economia Criativa.

Cabe ressaltar que o Fórum Internacional contou com a valiosa colaboração do SESC<sup>10</sup> Rio de Janeiro, do Ministério da Cultura do Brasil, do próprio ministro Gilberto Gil, e de outras agências do sistema ONU, como a UNESCO, a WIPO<sup>11</sup>, a UNCTAD e a Universidade das Nações Unidas.

## FÓRUM INTERNACIONAL ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO

### **Antecedentes**

A relação entre Criatividade e Economia tornou-se um foco estratégico para vários países nos últimos anos, mas ainda é subutilizada nos países em desenvolvimento, justamente aqueles onde ela pode ter maior impacto potencial, uma vez que seu grande patrimônio imaterial e diversidade cultural é diretamente proporcional à necessidade de melhorias sócio-econômicas.

Ao promover a mudança de foco estratégico da economia baseada em recursos tradicionais para aquela baseada em capital humano e cultural, abundantes nas populações do Hemisfério Sul, a Economia Criativa para o Desenvolvimento abre um leque de oportunidades para promover a redução da pobreza e fomentar a inclusão sócio-econômica através da geração de empregos e criação de novos mercados.

Uma série de atividades, convergindo para o Fórum Internacional, foram criadas pela SU-SSC, visando mobilizar tanto a comunidade internacional quanto as lideranças governamentais e empresariais para que os países emergentes aumentassem sua

---

<sup>10</sup> Serviço Social do Comércio

<sup>11</sup> World Intellectual Property Organization (Organização Mundial da Propriedade Intelectual | OMPI)

participação no setor da Economia Criativa. Os macroobjetivos foram fomentar, promover e proteger sua economia criativa, bem como promover a cooperação e o comércio no eixo-Sul-Sul, permitindo assim que se pudesse tirar proveito do dinamismo deste setor.

Estas atividades abriram caminho para parcerias mais abrangentes e profundas entre as organizações das Nações Unidas e instituições públicas e privadas da sociedade civil. Foram construídas a partir da agenda proposta pelo Consenso de São Paulo, resultante da UNCTAD XI, em 2004, e deram continuidade ao diálogo iniciado em 2005 no UN Day for South-South Cooperation, onde a SU-SSC lançou a campanha convocando o sistema das Nações Unidas a ter uma ação coordenada no tema da Economia Criativa para o Desenvolvimento. Às atividades de consolidação no Brasil, seguiram-se outras, em várias partes do mundo: o Global South Creative Economy Symposium (Xangai, China, dezembro de 2005); o Creative Economy Forum (Kingston, Jamaica, junho de 2006); e a International Conference on the Creative Economy (Kigali, Ruanda, agosto 2006).

O desafio do Fórum Internacional de Economia Criativa foi propor o desenvolvimento de modelos próprios para que os países do eixo Sul-Sul pudessem fazer de seu patrimônio criativo e cultural uma ferramenta de Desenvolvimento, com forte vínculo com a sustentabilidade.

## **Temáticas**

Mais de trinta peritos originados do setor público, privado, da sociedade civil e de organismos multilaterais de dezoito países participaram através de 34 atividades que uniram reflexões profundas e exemplos práticos de sucesso, sempre com o objetivo de consolidar cooperações e fomentar ações práticas.

Iniciamos trabalhando o tema Estratégia de Desenvolvimento para o Século XXI mostrando como a relação entre Criatividade e Economia tornou-se, nos últimos anos, o foco estratégico de vários países. O conceito expandido de Economia Criativa traz em si a vantagem fundamental de enfatizar o desenvolvimento sustentável, enquanto desloca, para o capital cultural e o talento individual, a atenção do que tradicionalmente se considera recursos. Conseqüentemente, a Economia Criativa abre uma ampla gama

de oportunidades para promover a inclusão sócio-econômica nos países em desenvolvimento. Exemplo disso foram os resultados do projeto-piloto da cooperação entre Brasil e África, estimulada pela SU-SSC.

Para melhor trabalhar com o tema, as diferentes agências do sistema ONU apresentaram as distinções entre os vários termos hoje em uso, incluindo conceitos, medidas, aplicações e limites. Há vários conceitos que se relacionam: Indústrias Criativas, Economia da Cultura, Economia Criativa. Qual é a diferença entre eles e quais as oportunidades que oferecem? Uma vez esclarecidos seus limites, nosso foco recaiu sobre a análise da Economia Criativa em uma gama de dimensões – social, econômica e cultural – que se mostram de enorme relevância para promover a inclusão sócio-econômica, desde que devidamente balanceadas na formulação de políticas. E finalmente uma questão-chave: valores intangíveis. Como mensurar o impacto e a amplitude da Economia Criativa como setor? Temos valor de existência, valor de herança, valor estético, valor econômico? As diferentes categorias de valor abrangem uma ampla gama. Como elas interagem? Qual a política de Desenvolvimento que pode balanceá-las em um programa integrado e que prioridade deveria ser dada aos valores múltiplos e paralelos da Cultura? Em relação à disponibilidade de dados, eles são lapidares para desenhar e monitorar o sucesso das políticas econômica e cultural? Porém, como um conceito tão complexo como o da Cultura pode ser traduzido em números?

Os direitos de Propriedade Intelectual são centrais ao debate acerca da Economia Criativa. Entretanto, embora sejam reconhecidos como fundamentais para proteger e beneficiar os criadores, moral e financeiramente, as críticas ao modelo em vigor são numerosas. É preciso ver os dois lados da moeda, enfatizar o que está em risco para então propor o aperfeiçoamento do marco legal dos direitos de PI, em busca de um balanço entre proteção e difusão, grandes agentes e criadores individuais. Na relação entre direitos de PI e acordos multilaterais, os dilemas atuais são evidentes. No Fórum, discutiu-se o que torna as negociações emperradas, quais os cenários futuros e as dificuldades encontradas ao lidar com o tema, no âmbito governamental e multilateral.

Conforme os debates acerca da Economia Criativa atingem maturidade, a riqueza da produção criativa, nos vários campos e expressões, torna-se inegável. Entretanto, os atuais mecanismos de mercado são incapazes de explorar as oportunidades para garantir a distribuição de toda essa riqueza. A inovação é necessária e já existem soluções relacionadas à criação e à expansão de mecanismos de mercado atuais e alternativos, oferecendo exemplos bem-sucedidos desse conceito na África, América Latina e China. Elemento chave deste processo, o financiamento é um dos maiores obstáculos que os empreendedores criativos têm de suplantar. Até mesmo quando os investidores reconhecem seu potencial de negócios, a falta de um quadro apropriado de avaliação de intangíveis culturais inibe os investimentos. Mas soluções inovadoras surgem quando se atua de forma associada aos princípios da economia solidária e na interface entre áreas como social + criativo e audiovisual + educativo – sobretudo se realizadas através de parcerias público-privadas. Gerando inclusão social e produtiva, a Economia Criativa pode ampliar mercado e não apenas competir por partes dele.

## **Conclusões Gerais**

O sucesso obtido pelo Fórum Internacional de Economia Criativa e Desenvolvimento, tanto pela qualidade e quantidade de participantes quanto pela cobertura de imprensa, comprova que este é um tema estratégico, o que ficou demonstrado por sua enorme difusão no período que se seguiu. No Brasil, a Economia Criativa passou a constar na pauta das lideranças do setor público, privado e terceiro setor, deu origem a dezenas de seminários e encontros no tema e passou a ser objeto de trabalho em diversos estados brasileiros. Exemplo disso é o fato dos principais candidatos ao governo da cidade de São Paulo terem a Economia Criativa em seus programas de governo. Na América Latina, o conceito de Economia Criativa para o Desenvolvimento teve grande expansão e caminha para um aprofundamento das premissas e metodologias para atuação tanto no nível do desenvolvimento local quanto em termos de cooperação internacional.

Do rico debate gerado pelas apresentações emergem algumas percepções, tais como:

- Necessidade de diálogo e cooperação continuados para amadurecer a maneira pela qual a conexão entre empreendedorismo criativo e cultural, inclusão social e produtiva e gestão de ativos intangíveis pode fortalecer o desenvolvimento.
- A natureza multi e intersetorial da Economia Criativa exige mecanismos de governança que garantam a melhor coordenação dos setores público, privado e criativo e a convergência e continuidade de ação entre diferentes setores governamentais.
- Para que isso seja possível é necessário fomentar a formação e criação de profissionais, instrumentos e instituições de caráter transdisciplinar que possam atuar como mediadores, integrando os processos.
- A necessidade de revisão de modelos, para que se adequem às características do século XXI – demonstrada, por exemplo, pela tensão gerada no mundo em desenvolvimento com relação aos modelos vigentes de direitos de Propriedade Intelectual, que devem ter um novo equilíbrio capaz de permitir a proteção do conhecimento coletivo e tradicional, e garantir os interesses da sociedade.
- Igualmente importante é a constituição de uma base comum de conhecimento sobre o tema que ganhou um forte aliado no completo e consistente Creative Economy Report, resultado da ação conjunta de diversas agências do Sistema ONU sobre o tema, lançado em 2008, e que pode ser encontrado para download no site da UNCTAD.

## **Caminhos de atuação para o futuro**

Desde a realização do Fórum Internacional houve um avanço significativo em relação às questões relacionadas à Economia Criativa e Desenvolvimento, que apontam para algumas questões estratégicas na formulação de políticas e estratégias para atuação no setor<sup>12</sup>.

### **- Novos valores, indicadores e medidas**

É necessário perceber que recurso é mais que dinheiro, e que riqueza vai além do econômico e deve incluir as dimensões cultural, social e ambiental. Ao lidar com o intangível, é preciso passar do quantitativo ao qualitativo e avaliar os impactos,

---

<sup>12</sup> Lala Deheinzelin, revista *Idéia Sócio-Ambiental*, novembro de 2008

o que mudou, não apenas resultados numéricos. Neste sentido, a Economia, habituada a lidar com a linearidade do tangível e material, terá talvez que se transformar para poder abarcar a multidimensionalidade do intangível.

- **Articular a macroeconomia de escala com a microeconomia de nicho**

Economia Criativa para o desenvolvimento sustentável tem como eixo central a inclusão, a convergência. É preciso integrar a macroeconomia de escala (século XX) com a microeconomia de nicho (século XXI, baseada na noção de cauda longa de Chris Anderson). Exemplo: como integrar a rendeira do interior de uma pequena vila com o estilista de grife de alguma cidade global?

- **Sensibilizar lideranças**

A articulação entre macro e micro e a convergência entre setores público, privado, sociedade civil e empreendedores criativos requerer uma mudança de paradigma. É preciso preparar terreno para isso, sensibilizando e instrumentalizando as lideranças e criar ambientes adequados (capacitação, instrumentos jurídicos, gestão), para que a Economia Criativa para o Desenvolvimento possa florescer.

- **De produtos a processos**

O tangível se concretiza em *produtos* e o intangível em *processos*, que são mais complexos, pois exigem visão sistêmica, ação integrada e continuidade.

- **Ação integrada e transdisciplinar**

Para trabalhar com processos a grande dificuldade, que é também a maior oportunidade, da Economia Criativa, é o fato de necessitar ação multisetorial e transdisciplinar. Nossas instituições, academias, empresas, governos, não estão ainda preparadas para ações convergentes, integradas e, portanto, se fazem necessários mecanismos de governança inovadores.

- **Economia solidária e novas formas de gestão**

A ação integrada e convergente deve estar norteada por uma mudança de mentalidade da qual depende todo o processo: re-significar a idéia de crescimento, sucesso, conforto. Para que o planeta, e tudo o que nele se insere, seja sustentável e sobreviva é preciso um novo conceito de riqueza, recursos, valores. Riqueza não apenas material, mas ambiental, social e simbólica.

- **Inovação dos produtos e processos culturais e criativos**

Novas aplicações e funções, novos espaços, novos públicos e novas linguagens permitindo maior adequação a tudo o que vai caracterizar este século XXI.

- **Novas Tecnologias e Produção e Distribuição Alternativas**

Nesta perspectiva de atuação com ênfase em processos e não em produtos, torna-se ainda mais importante o foco na distribuição, descentralizando seu controle.

Entretanto nossas políticas, esforços e financiamento ainda estão mais focadas no incentivo à produção.

- **Visibilidade e acesso**

Numa economia de nichos, da diversidade e globalizada, o desafio é saber quem faz o quê, onde e como. Como ser localizado no mar de informações que o mundo se tornou. Isso implica em novas mídias, redes, plataformas digitais.

Finalmente, um elemento-chave para catalisar este processo é a visão de futuro necessária para provocar a mudança de mentalidade rumo a uma situação mais sustentável. Precisamos imaginar os futuros que desejamos e a partir daí orientar nossas escolhas na condução de processos e políticas que permitam sua construção. E a Economia Criativa nos oferece muitas oportunidades de inovação de produtos e processos para que isso seja possível.

---

\* Lala Deheinzelin é assessora e responsável pela coordenação temática do Fórum Internacional Economia Criativa e Desenvolvimento. Seu texto, especialmente escrito para a publicação do FCM 2006, contou com contribuição de textos de Yiping Zhou, diretor da Unidade Especial de Cooperação Sul- Sul; Francisco Simplício, coordenador do Programa de Economia Criativa da SU-SSC; e Ana Carla Fonseca Reis, também assessora do Programa. Mais textos sobre o tema podem ser encontrados em pesquisa sobre os autores.